

*Carlos Eduardo de Araújo de Mattos**

Um Apocalipse fora de lugar: Um relato de viagem ao além-mundo nos Atos de Felipe em comparação com os apocalipses de Pedro e de Paulo

A place out of Revelation: A report to journey beyond the other world in the Felipe acts in comparison with revelations of Peter and Paul

Resumo

Este artigo tem por finalidade apresentar três textos apocalípticos do *corpus* literário cristão primitivo, na perspectiva da literatura apócrifa: os Atos Apócrifos de Felipe, em que se faz uma descrição de **submundo, uma viagem ao Inferno**, tema importante dentro da perspectiva apocalíptica, em comparação com o Apocalipse de Pedro e o Apocalipse de Paulo (*Visio Pauli*) especificamente os relatos de ambos sobre os castigos sofridos pelos condenados ao Inferno e a relevância das descrições de Inferno das três obras para a constituição do imaginário religioso do cristianismo em seus primeiros séculos. Apresenta os principais eixos e temas de cada um dos textos de forma resumida, permitindo a compreensão dos temas desenvolvidos por eles. Posteriormente, mapeia os pecadores e seus respectivos castigos nas descrições que os textos fazem do Inferno, procurando analisar tais temas à luz de teorias literárias.

Palavras-chave: Cristianismo Primitivo; além-mundo; literatura apócrifa.

Abstract

This essay aims to present three apocalyptic texts of literary corpus Early Christian, from the perspective of apocryphal literature: the Apocrypha Acts of Philip, which presents a description of the underworld, a trip to hell, important issue in view of apocalyptic in compared to the Apocalypse of Peter and the Apocalypse of Paul (*Visio Pauli*) specifically descriptions of punishments that are both Hell and relevance of Hell descriptions of these three works to the constitution of the

* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e bolsista CNPq. E-mail: edubadofe@yahoo.com.br.

Religious Imagination of Christianity in its early centuries. It presents the main points and themes of each text and briefly allow the understanding of the themes developed by the same thereafter mapping the sinners and their punishment in the descriptions that the texts do, trying to analyze these issues in the light of literary theories.

Keywords: Early Christianity; under world; apocryphal literature.

Introdução

Os textos apócrifos do Novo Testamento cumprem um importante papel quando se pensa na construção de identidade e memória do Cristianismo Primitivo (CP). Como textos de cultura religiosa, eles representam variadas hermenêuticas de tradições religiosas com continuidades e rupturas a cada recepção dos seus mais variados temas religiosos e culturais. A importância de toda essa rede textual conhecida como literatura apócrifa é salientada por autores clássicos de exegese do Novo Testamento, como Helmut Koester¹, e recebe um tratamento especial por Pierluigi Piovanelli em seu artigo *O que é um texto apócrifo cristão e como ele funciona? Algumas observações sobre Hermenêutica Apócrifa*², no qual defende uma quebra de fronteiras cronológicas tradicionalmente defendidas nos estudos bíblicos para uma compreensão melhor do *corpus* literário do Cristianismo Primitivo (PIOVANELLI, 2005).

O tema deste artigo transita necessariamente por essas veredas de um *corpus* literário amplo, mas antigo e importante para a compreensão do imaginário religioso dos primeiros cristãos. O tema do Inferno tem forte transmissão textual e alcança os dias atuais ainda sendo recebido dentro da tradição da literatura apocalíptica judaica e cristã (COLLINS, 2010).

O que é comumente chamado subgênero de Viagens ao Inferno faz parte do gênero apocalipse que por si só já tem as próprias rupturas e dificuldades classificatórias. Nesse sentido, lida-se com fronteiras o tempo todo: limites entre o mundo dos vivos e dos mortos, reflexos, continuidades e inversões no além-mundo, castigos que enfatizam determinadas partes do corpo etc.

¹ O autor observa a relevância dos textos apócrifos no volume 2 de sua obra *Introdução ao Novo Testamento. História e literatura do cristianismo primitivo*.

² PIOVANELLI, Pierluigi. *What a Apocryphal Text and How Does It Works? Some Observations on Apocryphal Hermeneutics*. Tradução nossa.

Portanto, uma aproximação dos Atos Apócrifos também não é diferente: especialmente nos Atos de Felipe encontraremos tais hibridismos, noções de fronteiras sendo ultrapassadas do começo ao fim. Uma das hipóteses deste artigo passa por isso: a noção de fronteira é tão frágil que já no primeiro capítulo da obra supracitada nos deparamos com um Apocalipse de Viagem ao Inferno.

De fato, inúmeros são os temas que surgem e as perguntas que o leitor fará em seu primeiro contato com um texto do CP no qual se descreve o mundo dos mortos. Muitos são os aspectos curiosos, bizarros, grotescos e, muitas vezes, cômicos. Provavelmente, muitas dessas perguntas ficarão sem uma resposta a contento.

A seguir, direcionaremos algumas dessas indagações, especificamente sobre o tema dos pecadores condenados ao Inferno e seus respectivos castigos, segundo a descrição de três dos vários textos apócrifos que tratam do assunto: Os Atos Apócrifos do Apóstolo Felipe, O Apocalipse de Pedro e O Apocalipse de Paulo. A escolha deles se dá por serem considerados os mais antigos e influentes em que a temática do Inferno aparece.

1. Conhecendo os textos de Viagens ao Inferno: um breve resumo dos textos abordados

É importante conhecer os textos que serão analisados neste artigo, entretanto trata-se de obras cuja descrição detalhada tomaria muito tempo. Por isso, a seguir as obras serão resumidamente apresentadas para uma compreensão da análise dos temas que será feita posteriormente em um só bloco.

1.1 Atos Apócrifos do Apóstolo Felipe

Piñeiro (2011) afirma que os Atos de Felipe que dispomos na atualidade são compostos a partir do trabalho de três autores que, juntos, trazem a totalidade atual de que dispomos para ler o texto. C. Tischendorf editou o Ato 2 em 1850, servindo-se do manuscrito grego 881 de Paris; M. Bonnet publicou os Atos de Felipe na edição de Atos Apócrifos, utilizando-se de diversos manuscritos (PIÑEIRO, 2011). Desses, temos para a parte que analisaremos a seguir, especificamente, o Ato 1 V: Vaticano Grego 824, século 11.

Para Piñeiro, o Ato 1 nos manuscritos V é um dos textos mais completos dos Atos de Felipe; ele é comum aos manuscritos denominados

como V, Vaticano 824 e em A Xenofontes 32, sendo aquele mais breve, embora o autor aponte que a primeira parte, da ressurreição do filho da viúva, é comum às duas fontes. Então, o que temos é um texto comum às duas fontes.

Segundo Piñeiro, as diferenças e contrastes em todo o texto dos Atos de Felipe se explicam melhor se a obra for pensada como um conjunto de textos distintos, unidos em torno de um mesmo protagonista e provenientes de diferentes tradições (PIÑEIRO, 2011).

Os Atos de Felipe iniciam afirmando que, saindo da Galileia, o apóstolo se encontra com uma viúva que chora e lamenta a morte do único filho. Ao perguntar o porquê de seu desespero, ela diz que não quer falar do assunto pois deve estar sendo castigada pelos deuses para os quais fez promessas e cumpriu votos em favor do filho; passa então a citar vários deuses do panteão greco-romano em quem confiou, os quais permitiram, segundo ela, que o filho morresse. Ao conversar com o apóstolo, a viúva diz que vai se tornar casta e não comerá mais carne a fim de se manter pura para Deus.

Felipe então muda seu interlocutor na conversa e ordena que o jovem, filho da viúva, retorne à vida e este começa a relatar o que viu enquanto esteve morto, contando sobre a visão do Inferno, uma jornada guiada por anjos (ora, Miguel, ora outro sem identidade clara, que foram lhe explicando as penas dos condenados, os castigos e esclarecendo o que ele via).

A primeira imagem que o jovem vê é de uma mulher que, segundo o texto, tem aspecto de dragão que engana os homens e os faz se empurrarem ao abismo. Em seguida, lhe é apresentado um homem sofrendo castigos terríveis em uma fossa e ele pede ao anjo perdão para aquele homem.

Nas cenas apresentadas na sequência ele vê outros condenados: um jovem que tem líquidos que escorrem das suas feridas convertidas em víboras de fogo que o devoravam como castigo por difamar e colocar em dúvida a virtude de virgens; em contraponto, um idoso, que recebe gotas de fogo sobre sua cabeça calva como castigo por beber muito vinho e por causa disso fazer piadas e canções debochando das autoridades eclesiásticas; e mais dois homens, condenados a jogarem bolas de fogo um para o outro eternamente por falarem mal dos que vivem em castidade. A visão do Inferno nos Atos de Felipe é fechada com uma mulher e um homem, condenados e presos entre as patas de um cachorro de três cabeças, conhecido da literatura e mitologia

pagã como Cerbero, que lhes devora as entranhas. O cachorro está ali para castigar outros que, como aquele par, blasfemam contra as lideranças religiosas.

Após já ter saído do inferno e de terminar sua narrativa sobre as condenações, o jovem afirma que “saindo da porta” (P 47, linha [I A 13] par 1), ele viu um altar com servidores zelosos e hipócritas entre eles; nesse bloco, surge um discurso de Miguel anunciando juízo sobre esses servidores, e o jovem passa a conversar com Felipe. Mas ainda uma vez mais, ele pede para contar “algo de que se lembrou” e inicia outro relato de condenação de dois homens por serem tiranos e fazerem mal aos homens (PIÑEIRO, 2011).

1.2 *O Apocalipse de Pedro*

Autores como Martha Himmelfarb e Itsvan Czachesz concordam que o Apocalipse de Pedro é o texto mais antigo de que se tem notícia dentro do *corpus* literário do CP em que aparece uma descrição do Inferno, apresentando os castigos e sofrimentos dos condenados. A obra possui duas versões: uma grega e uma etíope. Infelizmente, é difícil datar e localizar cultural e geograficamente a maioria dos textos de viagens ao Inferno (HIMMELFARB, 1983).

O Apocalipse de Pedro é a revelação feita por Jesus Cristo a seus discípulos – e em especial a Pedro. Todos estão reunidos no Monte das Oliveiras, onde Jesus está assentado e é questionado pelos discípulos sobre os sinais do fim. Encontram-se nessa narrativa grandes semelhanças com o relato de Mateus 24 e paralelos.

Jesus, como no sinótico, adverte os discípulos contra os falsos Messias que irão surgir, levando muitos ao martírio; então mostra a Pedro, na palma de sua mão direita, a imagem do que se cumprirá no último dia: o Inferno se abrirá e ocorrerá uma ressurreição generalizada. A terra será consumida pelo fogo e coberta de trevas. Ele virá numa nuvem e a punição eterna começará.

Em seguida vem a descrição das punições: alguns pecadores são pendurados por membros específicos de seus corpos, como línguas, pés etc.; outros são imersos em abismos e torturados por bestas; e alguns recebem chamas de fogo. Pedro tem um vislumbre do futuro dos santos que irão testemunhar o castigo dos pecadores e são transportados para Acherúsia (Acherúsia é um lago da mitologia grega de ligação com o mundo inferior), identificado como os Campos Eliseos. A cena final do Apocalipse de Pedro é a de Jesus com seus discípulos no monte santo

quando eles veem Moisés e Elias com Jesus. Tem-se aqui, uma versão da transfiguração dos evangelhos (HIMMELFARB, 1983).

1.3 O Apocalipse de Paulo

O Apocalipse de Paulo (também conhecido como *Visio Pauli*, VP) é a mais influente das viagens ao Inferno (HIMMELFARB, 1983, p. 16). Traduzido do grego entre o final do quarto século e o começo do sexto, deu origem a várias redações latinas medievais; muitos textos de viagens ao Inferno se devem ao Apocalipse de Paulo ou usaram-no como referência. A datação exata não se tem, aceita-se o início do terceiro século.

Como o Apocalipse de Pedro, a VP é ligada a um texto do NT, no caso, 2 Co 12, 2-4, em que Paulo menciona sua jornada ao terceiro céu, onde viu mistérios impronunciáveis. A introdução é seguida pela reclamação da natureza para Deus sobre a maldade humana e o relato dos anjos acerca dos problemas dos justos. Paulo é levado ao terceiro céu e lá vê a saída das almas dos justos e dos pecadores dos seus corpos na hora da morte: as dos justos são recebidas com alegria por um coral de bons anjos, já as dos malvados caem nas mãos dos anjos maus.

A seguir, Paulo visita o paraíso no terceiro céu onde é recebido por Enoque e Elias. Nesse ponto, parece que ele e seu guia angelical deixam o céu para visitar a terra da promessa, onde os justos irão habitar durante o milênio. É um lugar descrito como belo e fértil. Então Paulo vê o Lago Acherúsia. Navega num barco de ouro para a Cidade de Cristo nas suas margens.

Agora Paulo viaja pelos quatro rios da cidade do Cristo e encontra os justos que foram resgatados ao longo deles, incluindo heróis da Bíblia Hebraica. Essa viagem é seguida pela descrição da cidade do Messias e o altar no meio, onde Davi está cantando.

Paulo é então guiado ao lugar de tormentos. O inferno na VP é descrito com mais detalhes do que o Apocalipse de Pedro: há mais grupos de pecadores, além de poços contendo rios de fogo, tem mais calor, feras e anjos de tormentos e em maior número do que o Apocalipse de Pedro. Enforcamento ou pecadores pendurados são menos proeminentes do que no Apocalipse de Pedro, apesar de não totalmente ausentes.

Ao fim da jornada, Paulo chora e suspira que melhor seria para aqueles pecadores que nunca tivessem nascido. Paulo e o arcanjo Miguel ajudam os pecadores implorando a Deus por misericórdia. Finalmente Cristo aparece e repreende os pecadores, mas lhes oferece uma trégua

por um domingo. Paulo retorna ao paraíso, onde é recebido pelos justos, incluindo a Virgem Maria, os patriarcas, Moisés, os profetas, João Batista e Adão.

A versão copta descreve ainda outra visita ao paraíso e finalmente transporta Paulo ao Monte das Oliveiras com os discípulos, como Pedro no Apocalipse de Pedro. Há menções de hábitos e também de monges e freiras (HIMMELFARB, 1983).

Após esse resumo das narrativas a serem abordadas, passamos a analisar especificamente os condenados e seus respectivos castigos apresentados, buscando pontos de continuidade e ruptura entre eles.

2. Os pecadores no Inferno: as ênfases em pecados sexuais e verbais e contra autoridades eclesiásticas

As narrativas de viagens ao Inferno e especificamente os castigos possuem precedentes em fontes gregas e na literatura apocalíptica. Segundo Himmelfarb, essa fórmula aparece numa variedade de textos com os quais os autores dos apocalipses judaicos e do período helenista estavam familiarizados (HIMMELFARB, 1983).

Os pecados mais comuns nesses textos são os sexuais e os da língua. Adulterio e fornicação são tratados juntos porque são difíceis de distinguir. A versão etíope do Apocalipse de Pedro, por exemplo, trata como “fornicadoras” as mulheres penduradas pelos cabelos; a versão grega as acusa de adultério. Aborto e infanticídio também são difíceis de separar (HIMMELFARB, 1983).

A ênfase em comportamento sexual apropriado na literatura judaica é esmagadora. Pureza sexual é o caminho que a Bíblia Judaica direciona os israelitas a se diferenciarem dos vizinhos que praticam abominações. Adulterio é proibido nos Dez Mandamentos, e a morte é o castigo para todos os tipos de mau comportamento sexual.

Essa atitude permanece se fazendo presente na literatura apócrifa, pseudoepígrafa, na obra de Philo e em Qumran e na literatura rabínica. A ênfase é similar na literatura cristã primitiva e igualmente esmagadora. A diferença talvez seja que a literatura cristã tenda a encorajar o celibato, ao passo que isso é relativamente incomum nos círculos judaicos antes do ano 70 e quase desconhecido depois (HIMMELFARB, 1983).

Pecados sexuais aparecem em partes de textos dos períodos helênístico e romano que não estão nem no período judaico nem no cristão, apesar de não classificados entre os maiores pecados da Grécia Arcaica

e Clássica. A ocorrência mais antiga de adúlteros no Hades parece ser no fragmento de Hieronymus de Rhodes (século 3º a.C.) da Vida de Pitágoras, preservada por Diógenes Laertius, em que Pitágoras diz ter visto homens pendurados no Hades “que não desejaram ter relações com suas próprias esposas”. E essa frase seria interpretada como se referindo ao adultério. Mais tarde, outros autores descrevem castigos no inferno por erros sexuais: incesto (Virgílio em Eneida) e adultério (Luciano em Menipo). Erros sexuais ou mesmo a tendência ou disposição a esses erros são encontrados em listas de vícios (HIMMELFARB, 1983).

Adultério/fornicação é a categoria de pecado sexual mais largamente difusa, aparece em quase todo lugar. Perda da virgindade antes do casamento e aborto/infanticídio, por outro lado, estão quase exclusivamente em textos do cristianismo. Os dois pecados são quase ligados um ao outro: cinco de sete textos que contêm perder a virgindade antes de casar mencionam um castigo para aborto/infanticídio (HIMMELFARB, 1983).

Pecados da língua ou pecados verbais incluem blasfêmia, falso testemunho, calúnia e fofoca, categorias que se sobrepõem em tantos casos que é melhor agrupar tais pecados. Eles são condenatórios na Bíblia Hebraica, na literatura antiga judaica, na literatura rabínica e na literatura cristã primitiva; na literatura pagã greco-romana, a preocupação não é inteiramente ausente.

Blasfêmia no *stricto sensu* e quebra de juramentos são crimes importantes no pensamento grego. Blasfêmia no *stricto sensu* porque na literatura cristã primitiva alguns textos que o mencionam, muitas vezes se referem a “blasfemar contra o vizinho”, o que poderia ser visto como mau testemunho ou fofoca, e essas categorias não ficam claras em suas distinções. Pecados menos claros da língua não são negligenciados por completo. Plutarco condena adúlteros, um tipo social importante em seu meio social; Ptolomeu inclui entre os traços de personalidade indesejáveis a tendência à difamação, jurar falsamente, culpar, falar mal, falar abusivamente e falar frivolamente. Referências a tais falhas, entretanto, não são comuns (HIMMELFARB, 1983).

A proeminência de pecados sexuais e verbais nas viagens ao Inferno parece dever mais à tradição bíblica do que à grega. Surpreendentemente, isso é melhor dividido com relativa falta de atenção a outros pecados centrais na tradição bíblica. Por exemplo, assassinato e roubo aparecem poucas vezes como pecados nos relatos de viagens ao Inferno, ainda que sejam proibidos no Decálogo tão claramente quanto adultério, blasfêmia e dar falso testemunho (HIMMELFARB, 1983).

Pode ser que o forte interesse por pecados sexuais e verbais nas viagens ao Inferno esteja ligado ao fato de serem pecados invisíveis, defende Himmelfarb (1983). Fofoca e calúnia são ocorrências diárias, impenetráveis para a legislação; quanto menores forem os grupos sociais, mais intensos tais pecados provavelmente serão. Esse é um grande realismo psicológico na visão de São Pacômio de monges castigados no Inferno por terem fofocado sobre outros monges. Pecados sexuais também são quase por definição privados, precisamente os que nunca vêm à frente no tribunal. Assassinato é difícil de esconder, e o assassino é provável que seja trazido à justiça perante a corte. Mas para ver caluniadores e adúlteros colherem a recompensa justa por seus crimes escondidos, é preciso aguardar o castigo dos Céus (HIMMELFARB, 1983).

Num primeiro relance, parece que os pecados e castigos das viagens ao Inferno são uma fonte promissora para a história social. Infelizmente, defende Himmelfarb (1983), a condenação de uma prática não necessariamente indica que ela seja uma questão vital para o autor ou a comunidade para a qual esses textos são parte de uma tradição. Variações nas descrições de pecados e castigos podem também servir como suporte e pistas ao mundo social dos textos. Por exemplo, é tentador sugerir que a base de fato de que as mulheres eram penduradas pelos seios por adultério e fornicação em textos judaicos, e por seus cabelos em textos cristãos; entretanto, os cabelos das mulheres são associados a sua sexualidade por cristãos, mas não por judeus (HIMMELFARB, 1983).

Ao contrário do judaísmo, o cristianismo mantém o celibato como um ideal e o institucionaliza no monasticismo. Os ex-írmãs do Apocalipse de Paulo estão tristes por ser apontados como írmãs. Algumas das abortadoras e infanticidas são identificadas especificamente como freiras ou como padres e viúvas. Isso sustenta assumir *a priori* razoavelmente que perder a virgindade antes ou sem casar e abortar e infanticídio são problemas específicos de uma sociedade que tem o celibato institucionalizado. Na compreensão de freiras, casamento não é uma solução para gravidez (HIMMELFARB, 1983).

Na sociedade judaica, gravidez prematura poderia ser legitimada pelo casamento. Ainda que sexo antes do casamento certamente não fosse aceito, suas consequências eram menos visíveis nem o tema objeto de discussão. Ainda assim, monasticismo cristão não explica sozinho as configurações dos textos. Abortos e infanticídio não eram tratados

com tanta relevância e até mesmo considerados aceitáveis no mundo helênico e na Grécia Clássica. A lei romana contra o aborto era dirigida a mulheres divorciadas que o praticavam para privar os ex-maridos de seus filhos. Apenas quando o império se tornou cristão o infanticídio se tornou ilegal; a lei contra aborto não mudou.

A autora aponta que os castigos pela prática de aborto e infanticídio têm um peso maior nos textos mais recentes de viagens ao Inferno do que nos mais antigos. Nos mais recentes, quando o monasticismo já estava institucionalizado, alguns casos de gravidez não poderiam ser simplesmente legitimados pelo casamento. O fato de que um número grande de textos recentes designa tais pecadores como freiras, viúvas ou padres sugere que nesse caso os textos recentes são simples cópias dos pecados listados em outros antigos (HIMMELFARB, 1983).

Durante a visita de Paulo ao Inferno, um catálogo de pecados e castigos semelhantes ao do Apocalipse de Pedro é apresentado. Uma comparação preliminar dos dois infernos mostra que a VP dá uma lista diferente, com alguns pecados omitidos e muitos outros acrescentados. Se colocada lado a lado ao Apocalipse de Pedro, a VP deixa de incluir os seguintes pecadores: blasfemadores, parceiros de adultério, mulheres que abortaram, perseguidores da Igreja, falsas testemunhas, crianças desobedientes aos pais, escravos desobedientes aos mestres e adoradores de ídolos. Os novos pecados adicionados incluem: disputas inúteis na Igreja, cometer pecados depois da Eucaristia, difamar uns aos outros na Igreja, planejar o mal contra seu vizinho e não esperar no Senhor.

Nesse Inferno também encontramos presbíteros, bispos, diáconos e membros de igreja que não prestam atenção na Palavra de Deus ou que quebraram o jejum antes da hora, os que procuraram prostitutas e monges que se tornaram “miseráveis por causa dos obstáculos do mundo”. A lista termina com aqueles que negaram as doutrinas da encarnação, Eucaristia e ressurreição (CZACHESZ, 2012).

Czachesz discute que o interesse pelo mundo fora da Igreja está, nesse Apocalipse, diminuindo. Ele afirma que a versão latina silencia sobre perseguições e perseguidores na lista de pecadores, sugerindo que esta seja uma recepção posterior a Constantino. Segundo ele, a omissão de idolatria também aponta na mesma direção, insinuando que o contexto histórico da recepção latina desse texto seja de um ambiente sem conflitos entre cristãos e remanescentes de cultos pagãos (CZACHESZ, 2012).

O autor aponta que o que interessa a VP é a obediência ou desobediência aos preceitos divinos pela Igreja. As fronteiras do cristianismo não estão definidas pelo lado de fora, mas em vez de condenar perseguidores e pagãos, a VP se preocupa com uma definição de

ortodoxia. O texto desenha as fronteiras entre salvação e perdição em termos dogmáticos muito mais do que étnicos. Os castigos mais cruéis são sofridos pelos membros do clero (presbíteros, bispos, diáconos) que negligenciam seus cargos. Czachesz aponta que a VP excede o Apocalipse de Pedro na lista de pecados relacionados à sexualidade. Para adultério, homossexualidade e perder a virgindade antes do casamento, ele adiciona homens e mulheres que procuraram prostitutas (CZACHESZ, 2012).

Ao voltar os olhos para os Atos de Felipe, não existe grande diferença. A grande maioria dos pecadores condenados ao Inferno são homens e mulheres que blasfemaram contra autoridades eclesásticas e que difamaram virgens e eunucos que vivem em santidade. (PIÑEIRO, 2011).

A seguir, apresentaremos um apanhado geral dos castigos dos condenados nesses textos, procurando analisar continuidades e rupturas com base nas análises feitas por Martha Himmelfarb e István Czachesz.

2.1 Os castigos dos condenados no Inferno

Um aspecto que chama muita atenção na leitura de textos como os apresentados resumidamente acima são os castigos que sofrem os condenados no Inferno. As torturas e sofrimentos a que estão submetidos os pecadores em seus próprios corpos causam as mais variadas reações nos interlocutores: passam por momentos em que viajar na imaginação desses castigos causa repulsa, nojo, chegando outros que provocam risos (CZACHESZ, 2012).

István Czachesz defende a presença do que o autor russo Mikhail Bakhtin chama, nesses relatos, de realismo grotesco. Ele aponta que tal aspecto do grotesco pode ser observado em narrativas gregas com a intenção específica de fazer rir, como em pequenas anedotas, mas diferentemente, nessas fontes, o objetivo é punir os mortos e não produzir humor (CZACHESZ, 2012).

Primeiramente, é possível observar que os castigos do Apocalipse de Pedro apresentam uma figura distorcida de todo o corpo: cabeças são mergulhadas na lama (eufemismo provavelmente para fezes), mulheres são penduradas pelos cabelos, olhos são queimados, bocas são queimadas por chamas ardentes, pessoas mordem suas línguas e são enforcadas/penduradas por elas, vermes devoram entranhas, pessoas são queimadas por chamas de fogo na altura da cintura, homens são enforcados por seus órgãos sexuais, ricos dançam sobre pregos afiados.

Os corpos inteiros são ao mesmo tempo dissecados. Apesar de na maior parte das ocasiões o Inferno, em geral, ser descrito como um

lugar horrível, onde o corpo todo é sujeito a castigos, na maioria das vezes por imersão no fogo ou por enforcamento ou sendo pendurados, é possível também observar um foco em partes particulares dos corpos dos condenados em cada caso. Czachesz observa que, de acordo com a visão mais geral, a lógica de pecados e castigos no Apocalipse de Pedro pode ser comparada com a lei da retribuição na Torá (Lei de Talião em Ex. 21) (CZACHESZ, 2012).

Himmelfarb sugere também, a respeito da lei da retribuição, que castigos de medidas por medidas são um componente significativo na maioria dos textos de viagens ao Inferno. Um dos casos mais comuns é o dos pecadores castigados pendurados pelo membro com o qual pecaram; essa é uma das formas mais comuns de castigo de medida por medida. No mundo antigo, aponta a autora, ser pendurado era menos usado como execução do que como desgraça pública; era utilizado mais para humilhação do que para a morte (HIMMELFARB, 1983). Deuteronômio e muitas passagens bíblicas ilustram o uso desse recurso de pendurar pecadores em árvores como forma de humilhação (Gn 40,19; Js 10,26; 2 Sm 21,12; 2 Sm 4,12; Es 8,7 e 9,13). A Bíblia hebraica usa o “pendurar”, que é traduzido no grego do NT para crucificar, e Paulo faz referência a Dt 21 em Gl 3 quando menciona a crucificação de Cristo.

Essa forma de pendurar como castigo e desgraça aparece também em fontes gregas e romanas. Em *Gorgias*, Plato fala dos piores pecadores pendurados na prisão do Hades, por exemplo. Nas viagens ao Inferno, os homens são constantemente pendurados pelos órgãos sexuais por fornicção. Ser pendurado no inferno não é um método de execução, mas uma forma de punição, castigo em que seu maior ganho é a humilhação, é particularmente apropriado para um tormento sem fim no inferno, onde execução não tem significado (HIMMELFARB, 1983).

Examinando os castigos por penduramento, se percebem os dois tipos de pecados mencionados acima: verbais e sexuais. Os primeiros são uniformemente punidos por pessoas penduradas pela língua, seja por falso testemunho, seja por fofoca, seja por blasfêmia. Os pecados sexuais, por sua vez, têm resultados diferentes para homens ou mulheres, e entre mulheres existem particularidades para textos judaicos ou cristãos: judaicos as penduram pelos seios, cristãos pelos cabelos; os homens são pendurados pela genitália, mãos, pés e olhos (HIMMELFARB, 1983).

Para discutir esse princípio da lei da retribuição nos castigos no Inferno, no caso do Apocalipse de Pedro, observaremos a tabela a seguir:

Pecados	Castigos
Blasfemadores sobre a vida dos justos	Pendurados pela língua, fogo
Afastar-se da justiça	Piscina de larva
Homens que cometeram adultério	Pendurados pelos órgãos sexuais com a cabeça na lama (fezes)
Assassinos	Atormentados por répteis e insetos com suas vítimas assistindo e dizendo: “Oh, Senhor, justo é este julgamento!”
Mulheres que engravidaram fora do casamento e procuraram abortar	Sentadas numa piscina de descargas e excrementos, com os olhos queimados por chamas vindas de seus bebês
Infanticídio	Animais que se alimentam de carne saem do leite podre da mãe e se alimentam dos pais
Perseguir e matar os justos	Sentados em lugares escuros, sendo queimados até a altura da cintura, torturados por espíritos maus, com as vísceras sendo devoradas por vermes
Blasfemar e falar mal da vida dos justos	Devorando os próprios lábios e os olhos furados por uma vara
Falso testemunho	Devorando a própria boca com chamas de fogo nos lábios
Aqueles que confiaram nas próprias riquezas, não tiveram misericórdia dos órfãos e viúvas e ignoraram os preceitos de Deus	Vestir trapos e dançar sobre pregos e pedras incandescentes
Emprestar dinheiro a juros abusivos	Permanecer numa piscina ou tanque de sangue, pus e lama borbulhante
Homens que se comportam como mulheres e mulheres se relacionando entre si	Uns empurrando os outros em um abismo sem fim
Aqueles que fizeram ídolos no lugar de Deus	Jogados num lugar cheio de fogo muito alto
Os que abandonaram os caminhos de Deus	Queimados, virados e assados
Os que desobedeceram a seus pais	Escorregar para baixo de um lugar repetidamente e pendurados e atormentados por pássaros carnívoros

Czachesz argumenta que, se observadas de perto as torturas no Apocalipse de Pedro, pode-se constatar que a ordem dos pecados e castigos é similar, mas não exatamente idêntica à a lei de Talião (Ex 21). O princípio de retribuição de medida por medida dessa lei é realizado com senso próprio apenas em dois casos, segundo ele: os perseguidores do cristianismo queimados e sendo devorados por vermes e vítimas assistindo a seus assassinos serem devorados por répteis e insetos. Ele afirma que mesmo nesses casos, é necessária interpretação para identificar claramente o princípio de Talião (CSACHESZ, 2012).

Ele aponta que os textos de viagens ao Inferno parecem ser muito mais rígidos, portanto propõe abandonar o princípio da lei de Talião e pensar numa passagem muito conhecida do Sermão da Montanha de Mateus 5, 29-30:

Se teu olho direito te faz pecar, arranca-o e joga-o fora porque é melhor perder uma parte do corpo do que ter todo teu corpo lançado no fogo. E se tua mão direita te faz pecar, corta-a e lance-a fora porque é melhor perder uma parte do corpo do que todo teu corpo queimar no inferno.

Czachesz defende que o conceito por trás disso e que também está presente no judaísmo rabínico é de que certos crimes ou pecados são cometidos por partes do corpo: Os membros do corpo que cometem transgressões serão punidos no Gehena mais do que os demais membros. Fato é que no inferno do Apocalipse de Pedro, os membros que cometeram pecados específicos também são punidos mais do que o corpo todo: blasfêmia está conectada com os lábios e a língua; falso testemunho com a língua e a boca; e adultério com os cabelos das mulheres e a genitália dos homens. Na Torá, defende ele, a pessoa como um todo é feita responsável por suas faltas e paga com a parte do corpo que causa a ferida em outra. No Sermão do Monte e no Apocalipse de Pedro, membros individuais do corpo perdem o controle, causando os pecados das pessoas, por isso devem ser punidos (CZACHESZ, 2012).

Outra forma de castigo nas viagens ao Inferno é reservada ao pais que cometeram infanticídio e aborto. Um aspecto curioso desses castigos é a presença das crianças para acusar os pais diante de Deus. O Apocalipse de Pedro é o texto mais antigo a conter esse tipo de descrição de castigo: o capítulo 8 da versão etíope descreve dois, um seguido do outro. No primeiro, as mulheres caem de joelhos num monte de excrementos ou fluido menstrual, seus filhos se sentam opostamente a elas e raios saem dos seus olhos queimando os olhos delas.

No segundo castigo, homens e mulheres estão nus e os filhos, que estão em um lugar de prazer, os acusam diante de Deus. Leite é derramado dos seios das mães e se transformam em feras devoradoras que torturam os pais eternamente porque eles quebraram o mandamento de Deus e assassinaram seus filhos. Em ambos os castigos, os pais são confrontados pelos filhos. A versão grega do apocalipse de Pedro só tem o primeiro castigo e é especificado como referente ao aborto (HIMMELFARB, 1983).

Além das diferenças entre pecados, os castigos na VP também não são os mesmos do Apocalipse de Pedro. Para Czachesz (2012), a ausência de corpos imersos em lama e fezes na VP pode ser explicada porque tais castigos podem ter um fundo cômico que, definitivamente, não parece ser a intenção do texto. Outros castigos ausentes na VP são: condenados caminhando em objetos pontiagudos, batendo ou mordendo uns aos outros e sendo fritos em caldeiras.

Em ambos os Apocalipses, há a presença de um grande abismo como um local com o Inferno dentro de si. Neles observamos referências à imagem do Tártaro, na descrição de Platão, e com um possível reflexo no abismo onde Satanás é lançado no Apocalipse 20, 1-3. No Apocalipse de Pedro, homens e mulheres se empurram mutuamente eternamente para um grande abismo.

Na VP, existem dois diferentes lugares que se assemelham ao Tártaro: primeiro, há poços profundos conectados a um abismo tão profundo que uma pedra lançada ali não atingiria o seu fundo antes de cinco séculos (VP, cap. 32). Antes do fim de sua jornada, Paulo é levado pelo anjo à boca de um abismo onde estão os condenados de pecados mais graves, que mais sofrem, com uma boca tão estreita que só pode ser jogado ali um homem de cada vez e tão profundo que jamais a existência dele será lembrada novamente (CZACHES, 2012).

A primeira cena descrita nos Atos Apócrifos de Felipe também apresenta um abismo em que uma mulher com aparência de dragão espeta os condenados para que se empurrem mutuamente para dentro dele. É uma primeira aparição de um abismo que, posteriormente, em outros capítulos será a designação menos específica de Inferno.

No capítulo 2 dos Atos de Felipe, o apóstolo, num acesso de ira, mandará que o chão se abra para engolir o sumo sacerdote que irá de Jerusalém até Hierápolis para enfrentá-lo. Nesse momento, o sumo sacerdote é tragado pela terra e o texto afirma que ele caiu no abismo (PIÑEIRO, 2011). Ainda uma vez mais, no Ato XV, do martírio do

Apóstolo, ao ser condenado pela cidade, Felipe ordena que o chão se abra e engula a todos, por estarem condenando a ele com Bartolomeu e sua irmã (PIÑEIRO, 2011).

A VP acrescenta como descrição inédita de tortura: perfuração de intestinos com ganchos, pessoas sendo apedrejadas no rosto, vermes saindo das bocas e narinas, navalhas de fogo cortando os lábios e a língua de condenados, condenados com espécies de coleiras de fogo na garganta, sendo sentados no gelo e na neve em um poço piche e enxofre ou vestindo roupas desenhadas dessas substâncias e o fechamento das narinas. Em Atos Apócrifos de Felipe, um dos primeiros condenados tem feridas das quais saem vermes que se transformam em fogo e o devoram as entranhas por difamar as virtudes das virgens (PIÑEIRO, 2011).

3. Lógicas dos castigos e tentativas de explicações

Os autores discutem, a despeito das continuidades e rupturas nos temas de pecadores e castigos nos Infernos descritos nos Atos Apócrifos de Felipe, no Apocalipse de Pedro e no Apocalipse de Paulo. Segundo eles, os textos apresentam o Princípio de Lei de Retribuição de Talião na Torá como uma possibilidade de explicar por que os condenados são castigados especificamente em membros do corpo que cometeram pecado: a língua e os lábios no caso dos pecados verbais, os órgãos genitais (ainda que por meio de eufemismo quando mencionados pés ou mãos) e seios e cabelos, nos casos de mulheres.

Outro ponto relevante quando se tenta perceber alguma lógica nos castigos sofridos pelos condenados nesses textos de visões do Inferno é a compreensão do conceito de corpo humano no mundo antigo. Czachesz defende que a literatura paulina, especificamente Romanos 7, apresenta a origem dos comportamentos morais fora de um âmbito de batalha entre bem e mal, mas especificamente em outro embate: entre os membros do corpo. Isso retoma o princípio ético de Jesus em Mateus e Marcos, já salientado acima, do dever “cortar fora o membro que induz ao pecado” (CZACHESZ, 2012).

Essa seria uma lógica sugerida para as descrições de pecados e castigos. Entretanto, em alguns casos, a aplicação dela exige algum esforço. O que pode ser visto é um senso geral de vingança, como nos filhos abortados que assistem e participam das condenações dos pais. Os Atos de Felipe e a *Visio Pauli*, por exemplo, dão menos atenção à

conexão entre pecados e partes do corpo; ainda assim, existe um padrão facilmente reconhecível como algumas categorias relacionadas com disciplina eclesiástica (CZACHESZ, 2012).

Czachesz (2012) aponta que tem sido sugerido que as descrições de castigos no Inferno dos textos do Cristianismo Primitivo refletem os sofrimentos dos mártires cristãos e as torturas aplicadas pelas autoridades romanas em geral. Fontes greco-romanas de tortura são relativamente parcas. A razão provavelmente é a aversão estética à descrição de sofrimento físico, que também explica a ausência de tais detalhes em textos mitológicos. No sistema legal, a tortura era aplicada principalmente aos escravos cujos testemunhos não fossem aceitos. A tortura de cidadãos livres era restrita. Cidadãos romanos, com a exceção de *crimem malestatis* (pena por algum crime), não eram torturados até Marco Aurélio (160-80 d.C); a tortura era utilizada fora do quadro legal como instrumento de terror ditatorial (CZACHESZ, 2012). Utiliza-se de *Atas dos Mártires* como referencial sobre o uso de tortura contra os cristãos pelas autoridades romanas, mas defende que mesmo se houve perseguição sob Domiciano, não existem menções a ela. Portanto, se o Apocalipse de Pedro foi escrito na primeira metade do segundo século, isso não demonstra que as descrições de Inferno refletiram o sofrimento dos mártires.

Fato é que os redatores de textos apocalípticos cristãos tiveram pouco a inventar sobre toda a tortura no Inferno. Permanece difícil decidir, entretanto, se eles se basearam em experiência histórica ou se usaram tradição literária. Podemos basicamente excluir, defende Czachesz, a possibilidade de que conceberam o Inferno como um meio de vingança para as perseguições. As figuras de perseguidores e adoradores de ídolos aparecem no Inferno do Apocalipse de Pedro, mas são ausentes nos Atos de Felipe e na VP. Mesmo na escrita final, os castigos aplicados a esses pecadores não podem ser tipicamente associados à experiência das perseguições (CZACHESZ, 2012).

Na VP, os castigos mais realistas são aplicados aos membros desobedientes da Igreja. A tortura de presbíteros, bispos, diáconos e monges pode ser prontamente conectada com a experiência histórica dos cristãos. Tais figuras proeminentes da Igreja institucionalizada, juntamente com blasfemadores, também fulguram entre os condenados a castigos no final da descrição infernal dos Atos de Felipe.

Finalmente, é preciso mencionar que no período pós-império de Constantino muitas novas ferramentas de tortura foram importadas,

algumas das quais também encontraram lugar no inventário do Inferno (CZACHESZ, 2012).

Linhas conclusivas

Na leitura das fontes apresentadas neste artigo percebe-se o quanto é difícil traçar uma teoria que consiga definir possíveis “origens” do tema das descrições de castigos de condenados no Inferno. O caminho para compreendê-lo, portanto, parece passar mais à luz de teoria literária, de intertextualidade e recepção do que de aspectos “históricos”. Ou seja, ao se aproximar de tais textos, um leitor desavisado vai se deparar com rupturas as quais uma exegese tradicional nem sempre dará conta.

Por isso, é necessário pensar em caminhos alternativos, por exemplo a ruptura com cronologias tradicionais, compreendendo os textos apócrifos como parte importante de uma rede textual, do *corpus* literário do Cristianismo Primitivo. Outra possibilidade é a aproximação dos textos à luz de teóricos literários, nesse caso especificamente, Bakhtin na tentativa de compreensão dessas fontes como parte importante da construção de imaginários religiosos e culturais do cristianismo dos primeiros séculos.

Buscamos neste artigo resgatar um tema precioso para a constituição desse imaginário: as viagens, visões e descrições do Inferno nos Atos Apócrifos do Apóstolo Felipe em comparação com os Apocalipses Apócrifos de Pedro e Paulo, salientando os temas das condenações de pecadores, cheias de elementos considerados bizarros e que podem ser lidos à luz da teoria do corpo grotesco de Mikhail Bakhtin, que aponta exatamente na direção de corpos ultrapassando os limites do possível, nos exageros de gestos.

Autores como Martha Himmelfarb e Istvan Csachesz, descrevem em riqueza de detalhes aspectos do tema do Inferno em textos do Cristianismo Primitivo e apresentam, eles mesmos, suas teorias sobre origens e possíveis explicações para a presença de determinado grupo de pecadores e suas respectivas condenações e a utilização de castigos específicos nessas torturas.

Percebemos o quão difícil é a tarefa de concluir algo a respeito de um tema como este, uma vez que as fontes apresentam tantas rupturas e hibridismos. Mas longe de desanimar, justamente tais elementos é que despertam fascínio e aguçam maior interesse para a pesquisa, deixando sempre um amplo terreno a ser vasculhado na busca por

novas descobertas sobre como se constituiu o imaginário religioso dos primeiros cristãos.

Não pretendemos, portanto, concluir ou afirmar ser possível definir que os castigos dos condenados ao Inferno são explicáveis por essa ou aquela teoria. Autores como os apresentados acima fazem apontamentos e propõem teorias sobre as origens e os motivos de tais castigos. Antes da pretensão de teorias definitivas, o que podemos perceber por meio deste artigo são motivos literários em comum, continuidades, rupturas e hibridismos entre os textos. Nesse sentido, o caminho para a aproximação com tais textos precisa considerar tais rupturas e continuidades e não concluir, mas perceber tais motivos literários.

Referências

- BAKHTIN, M. Formas de tempo e cronotopo no romance – ensaios de poética histórica. In: BAKHTIN, M. (Ed). **Questões de Literatura e de Estética**. Tradução de Aurora F. Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec/ Anablume, 2010, p. 211-362.
- COLLINS, J. J. **A imaginação Apocalíptica**. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. Tradução de Carlos Guilherme da Silva Magajewisk. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Academia Bíblica).
- CZACHESZ, I. **The Grottesque Body in Early Christian Discourse – Hell, Scatology and Metamorphosis**. New York: Routledge, 2012.
- CROSSAN, J. D. **O Nascimento do Cristianismo**: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2004.
- HIMMELFARB, M. **Tours Of Hell**. An Apocalyptic Form in Jewish and Christian Literature. Pennsylvania: University Of Pennsylvania Press, 1983.
- KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**. Volume 2: História e literatura do cristianismo primitivo. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.
- NOGUEIRA, P. A. de S. (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. 407 p.
- PIÑEIRO, A. S.; DEL CIERRO, G. **Hechos Apócrifos de los Apóstoles**. Volume 3. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011.
- PIOVANELLI, Pierluigi. **What Is a Apocryphal Text and How Does It Work?** – Some Observations on Apocryphal Hermeneutics. In: Netherlands Theological Tijdschrift 59 (2005) p 31-40.